O enigma Diadorim

The Diadorim enigma

El enigma de Diadorim

Este estudo intitulado *O Enigma Diadorim* se propõe a discutir a evolução da narrativa moderna, no tocante à temática do Amor e suas vertentes na obra literária *Grande sertão: veredas*, de autoria de Guimarães Rosa. O estudo se dividirá em três momentos que buscarão investigar, pelo viés das reminiscências do jagunço-narrador Riobaldo-Tatarana ou Urutu-Branco, a trajetória da prosa ficcional quanto às paixões e reflexões referentes ao percurso do enredo-travessia do romance publicado em 1956. Considerando que, neste espaço ambíguo dos sertões das Gerais rosianas se instauraria uma emblemática e estúrdia história de Amor, cabe salientar que as mencionadas divisões da hermenêutica em questão constantemente se interpenetrarão.

This paper aims at discussing the evolution of the modern narrative concerning the theme of Love and its branches in the literary work *Grande sertão: veredas*, by Guimarães Rosa. This study is divided in three moments that will try to investigate the fictional prose path related to the passions and reflections linked to the trajectory of the plot-crossing of the novel published in 1956, based on the memories of the gunman/narrator Riobaldo-Tatarana or Urutu-Branco. Considering the fact that in this ambiguous space of midland rosianos Gerais a frolic and extravagant love story would take place, it is important to point out that the mentioned divisions of hermeneutics will be constantly interpenetrating.

Este estudio intitulado *el Enigma Diadorim* se propone discutir la evolución de la narrativa moderna, en lo que respecta a la temática del Amor y sus vertientes en la obra literaria *Gran sertón: veredas*, de autoria de Guimarães Rosa. El estudio se dividirá en tres momentos que buscarán investigar, al sesgo de las reminiscencias del matón-narrador Riobaldo-Tatarana o Urutu-Blanco, la trayectoria de la prosa ficcional cuanto a las pasiones y reflexiones referentes al recorrido del enredo-travesía de la novela publicada en 1956. Considerando que, en este espacio ambíguo de los sertones de las Gerais rosianos se instauraría una emblemática y esturdia historia de Amor, cabe resaltar que las mencionadas divisiones de la hermenéutica en cuestión constantemente se interpenetrarán.

Palavras-chave: paixão, homossexualidade, prostituição, obra literária

Autor:
Wander Lourenço

Escritor e Professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal Fluminense e da Universidade Estácio de Sá. Especialista e Mestre em Literatura Brasileira – UFF. Doutor em Literatura Comparada – UFF. Tese: *Um réquiem para Diadorim* (Nonada: dois dedos de prosa-poética sobre o Amor e outras bossas no Grande sertão: veredas). Autor de cinco obras.

E-mail: wanderlourenco@uol.com.br

Em seus *Ensaio*s, o filósofo Michel de Montaigne explicita aos leitores que, passando por Vitry-François, pôde observar um homem que um certo bispo de Soissons chamara pelo nome de Germano na crisma; e que, até a idade de vinte e dois anos, todos os habitantes de lá conheceram e viram mulher feita, chamada Maria. Naquela ocasião, complementar a Montaigne, que o tal sujeito andrógino era muito barbudo, e velho, e jamais casara com ninguém. Acrescentaria também o ensaísta de origem francesa que rezava a lenda de que Germano/Maria, ao fazer um pouco de força para saltar, surgiram inopinadamente os seus membros viris, chamando atenção ao fato de que ainda é de uso entre as moças de lá da região de Vitry-François uma renomada canção popular, pela qual se entreadvertem para não se dar passadas grandes, por medo de se transformarem em rapaz, conforme ocorrera

inexplicavelmente de outra feita com Maria Germano. Ainda n' *O Banquete*, a fala de Aristófanes desemboca na definição dos seres andróginos que, juntamente com o masculino, originado do sol; e o feminino, da terra, pertencentes ao sexo misto, seriam provindos da lua, que tanto participaria de um quanto do outro. E os indivíduos que provêm do gênero híbrido, de acordo com Aristófanes, seriam os insaciáveis amantes, os adúlteros e as mulheres que se apaixonam por homens.

No caso de Reinaldo/Diadorim não houvera o episódio do arco-íris tal qual Riobaldo-narrador aventara para a possibilidade de que o valente companheiro dos ternos olhos verdes atravessasse por debaixo do poder transformador de suas sete cores nem sequer obteve o sentencial dizer de sua mãe referente ao fato de 'vestir calça e não saia como eu (ela)'. Aliás não há nenhuma alusão à figura materna esposa de Joca Ramiro no decorrer do *Grande sertão*, ao contrário da Bigri, mãe de Riobaldo que, por intermédio de uma promessa católica, o impele a condição de esmolar à beira de um cais ou porto, numas longínquas paragens do rio De-Janeiro. E também quanto ao fato de Diadorim desabrochar em Joana ou Maria não se propusera na narração a hipótese da transformação física, tal como ocorrera no instante em que Maria Germano saltara lisonjeira e cabalmente com demasiada força para advir a revelação de sua masculinidade.

À desdita donzela-guerreira órfã de mãe somente fora possibilitado o momento "da natureza explodir" consoante acontecera com João-Joana da história escrita por Drummond de Andrade no instante de sua morte. E isto ocorre quando Reinaldo,

morto a punhal, vem a ser exposto pela Mulher do Hermógenes sobre a mesa-tábua, desvendando-se daquela feita o sublime segredo de sua tão resguardada sexualidade que, por algumas ocasiões, corra risco de ser ultrajada, quer seja por insidiosos olhares dos próprios companheiros de jaguncismo ao banhar-se; quer seja pelas rajadas das mãos inimigas que buscavam almejar a sua travessia íntima e particular no âmbito de sua sexualidade: "Diadorim, na retirada, bem conseguido; depois se retrasou, por uma cacimba de grota. — '... Estava com sangue numa perna de calça. Para mim foi nada, arranho à toa.'" (ROSA, 1994, p. 141) A respeito da transformação de Diadorim em Reinaldo jagunço, a narrativa não permite ou possibilita em hipótese alguma ao leitor sequer vestígios, pistas ou veredas a se percorrer, impedindo, destarte, se desvendar o segredo ou razão de tal indócil e obscuro travestimento da enigmática personagem filha de Joca Ramiro. Observa-se, porém, que o fato desta Maria Deodorina ser a herdeira do chefe político daquele inimaginável sertão das gerais, um homem d'armas e desmandos, poderia possivelmente acarretar na tomada de atitude de travestir-se de homem, antes mesmo da puberdade que, sem explícitos sobressaltos ou hesitações, a impulsionaria ao patamar de menina-moça travestida de feroz valente-guerreiro. E, a partir daí, nota-se que este Reinaldo sobrepor-se-ia às vestimentas e instrumentos bélicos dos jagunços, sobretudo o recorrente colete de couro, que lhe encobriria os possíveis virgens seios de mulher, e o cabelo aparado por tesoura de prata, consoante salientaria o sertanejo-orador na ocasião de sua morte e revelação de sua feminilidade, de modo a encorajar-se ao manusear dos rifles e punhais.

Por intermédio destas indumentárias, a vigorosa narração do *Grande sertão* conduz o leitor pelas mãos ao tecer explicitamente a figura de Reinaldo/Diadorim, condizente com a sua sobrevivência de indócil jagunço de corpo-fechado. Todavia, o que mais se aproxima de uma suposta revelação do enigma andrógino desta emblemática figura denominada Maria Deodorina da Fé vem a ser a sua primeira e súbita aparição ao jagunço-narrador às margens de um porto, onde o suposto afilhado de Solorico Mendes, Riobaldo, conforme já fora explicitado, esmolava em razão de uma promessa materna, no rio de-Janeiro, já travestido de o Menino, que induzirá o jovem esmoleiro a atravessar perigosas águas adversas, em corajosa e destemida companhia. Vale explicitar ainda que o fazendeiro-orador propõe ao leitor / ouvinte que 'imagine' e nos faz reportar com ele ao episódio do encontro com o Menino-Diadorim: com chapéu-de-couro, pitando cigarro e os olhos *aos-grandes, verdes*. Num outro momento narrativo, este mesmo Riobaldo faz alusão ao fato do Menino *pitir muito*; e, recorrentemente, à tonalidade de cor dos seus olhos. À narração vêm a ser inseridos outrora elementos característicos e específicos, que comporiam o percurso do jagunço-personagem, tais como: a dessemelhança do aspecto físico; as finas feições brancas; a voz muito leve e apazível; o realce de simplicidade na ação e, sobretudo, na condução das atitudes; e a despropositada coragem à flor da pele etc.

Em *Contribuições à Psicologia do Amor*, Sigmund Freud asseveraria que a investigação psicanalítica leva a crer que os homens são impulsionados de volta a uma época na vida do Menino em que ele adquire conhecimento mais ou menos completo das relações sexuais entre os adultos, aproximadamente em torno dos anos da pré-puberdade. Em *Grande sertão: veredas*, o jagunço-narrador Riobaldo ainda no cais ou porto do de-Janeiro, nos momentos que precedem a travessia do rio 'numa bamba canoa, toda a vida' em companhia do Menino dos olhos verdes, vem a ser absorvido por três espécies de vergonhas ocasionadas,

em primeiro lugar, por sua flagrante situação de pedinte; a seguir, pelo medo de não sobreviver em caso de acidente por não saber nadar nas águas 'de largura', que desembocam no São Francisco; e, posteriormente, diante da declaração em relação àquela criatura sem identificação nominal — o Menino —, referente a qual ele, a criança esmoleira, também era 'animoso', passa a sentir outra espécie de sentir envergonhado de outra qualidade.

Esta outra qualidade de vergonha explicitada do jagunço-orador, assim como o atravessar de canoa por sobre as águas do rio de-Janeiro, perpassará toda a existência do herói-narrador; mas, constata-se sutilmente já naquela primeira ocasião de encontro entre o menino Riobaldo e o Reinaldo Menino, o aflorar de uma dúvida e implícita sexualidade, como aventara Freud, vem a ser instada em questionamento na infância, no âmbito restrito da parca compreensão, a respeito da noção de homossexualidade. Tal sentimento, que impele aquela criança, no momento do elogio 'animoso' proferido pelo Menino-Diadorim, ao opróbrio e ao pejo relacionados a um desejo infantil não condizente com sua condição masculina. E decerto já prenunciaria a intrincada paixão por Reinaldo/Diadorim, que desabrochará somente nos longínquos e espúrios tempos remidos da homossexualidade e do jaguncismo, quando ambos já foram inseridos, à prova de punhal e fogo, no âmbito movediço das reminiscências sobrepostas em sua narração 'matéria-vertente'.

O desfecho deste mencionado diálogo permearia toda a trajetória de Reinaldo/Diadorim amparada no percurso do monólogo proposto pelo jagunço-orador, de modo a sublinhar uma outra proposição de se desvendar o enigma da sexualidade da personagem travestida de homem, pelo reticente viés de uma hipótese ou suposição. Esta seria calçada na seguinte indagação: Caso não houvesse a explícita adoração de Maria Deodorina da Fé Bettencourt pelo homem-pai Joca Ramiro, este ser andrógino desmistificado pela morte em duelo com o ser-pactário Hermógenes se transformaria no valente jagunço Reinaldo apaixonado por Riobaldo? Eis a questão a nortear as designações narrativas, no âmbito hipotético, que os ambíguos percursos deste ambíguo Reinaldo permitem ao leitor: a criação da dúvida personagem, anulando a existência feminina exterior, ultrapassaria a sua condição de jagunço, no tocante ao Amor pseudo-homossexual pelo sertanejo-orador, Riobaldo. Observa-se ainda, que Reinaldo vem a ser uma criação inventada por Maria Diadorim, não se sabe exatamente quando nem o porquê; mas, certamente, em sua infância, conforme assinala a presença daquele Menino às margens do rio, aos quatorze anos aproximadamente. Por intermédio deste raciocínio, a decisão de tornar-se valente jagunço vem a ser anterior a sua própria prefiguração de mulher; ou seja, a inversão da identidade e da sexualidade do filho de Joca Ramiro dá-se no patamar de sua infância, conquanto que seja num plano desconhecido, quando se propõe analisar a razão de tal indumentária e travestimento.

Não se sabendo, no entanto, com exatidão o momento do travestir-se deste príncipe Menino, consoante Benedito Nunes, nem muito a razão pela substituição da sexualidade, não adiantaria à tradição crítica dissimular ou arriscar suposições no âmbito da adivinhação ou sentença psicanalítica de quaisquer espécies de decifração ou palpite. E, por este viés, ao passo que a paterna figura onipresente do chefe jagunço alteraria a trajetória de Diadorim, no âmbito da admiração ou mesmo da veneração, poder-se-ia, no máximo, asseverar que a transfiguração da criança de sexo feminino no audaz e corajoso Menino, protótipo da beleza, bravura e altivez que, de certa forma, prenunciaria a coragem, o respeito e a liderança exercida pelo jagunço Reinaldo, como se constata no episódio da decisão de

comando do bando após a morte de Medeiro Vaz.

Se no estudo intitulado *O amor na obra de Guimarães Rosa*, consoante já fora explicitado no decorrer da pesquisa, o filósofo Benedito Nunes acenaria que o jagunço-orador Riobaldo-Tatarana reconheceria três espécies diversas de paixões em sua intrincada trajetória sertaneja, inseridas no decorrer de seu sombrio e tortuoso percurso em companhia de Deus e o Demônio. Fato este que confere ao chefe Urutu-Branco – proposição de alcunha proferida por Zé Bebelo –, Amor e Poder. Posteriormente, pela ótica de Michel Foucault, no capítulo “Nietzsche, a Genealogia e a História”, em sua *Microfísica do poder*, constatar-se-á que o pensador francês evocaria alguns elementos tais como os sentimentos, a consciência e os instintos, incutidos na trajetória-travessia humana e que, conseqüentemente, passam a incidir na peculiar transposição alicerçada na inverossimilhança da saga ficcional das criaturas concebidas sob a égide da inspiração literária. Foucault ainda chamaria a atenção para a questão do equívoco de se descrever toda história da moral pelo viés da preocupação apenas com o prático e o útil do percurso-existência do ser humano. E, a partir desta assertiva, o filósofo enfocaria que, se desta forma se pautam a hermenêutica dos acontecimentos e a exegese dos episódios narrados, ou mesmo ocorridos, a falsa impressão que se lhe dá vem a ser que as palavras tivessem guardado seu sentido, de modo que os desejos demarcassem a sua direção e as idéias designassem a sua lógica. Isto se o universo da oralidade não abrangesse toda uma gama de disfarces, astúcias, lutas, invasões e rapinas no âmbito de sua significação. Em *Assim falava Zaratustra*, Nietzsche trata da questão, no capítulo denominado “Dos poetas”, num diálogo um de seus discípulos o mestre temporiza que a respeito da fertilidade da imaginação e do ‘muito mentir’ dos vates e bardos, em razão de sua escassa sabedoria; contudo, assevera, todos os deuses celestes são símbolos e obras de sua pena e imperfeição.

O ficcionista Guimarães Rosa retomaria a ambivalência da espaço-temporal travessia humana subscrita por Montaigne, Nunes e Foucault, ao entrelaçar o dócil e conciliatório enlevo do homem d’armas do *Grande sertão* pela imaculada e casadoira neta-donzela de Nhô Vô Anselmo, fincada nas reminiscências do jagunço-narrador no idílico ‘*enquadro da janela, a abençoável*’ moça-casadoira dos Buritis Altos da Fazenda Santa Catarina. Tal entrelaçamento entre os propensos herdeiros de terras, Riobaldo e Otacília, seria permeado por outro elemento dissonante de desestabilização do híbrido relato de aceitação e asco, rejeição e latente desejo pela luciférica e flamejante atração pelo dubio companheiro-amante de emblemática homossexualidade, o intrépido ser-andrógino dos ternos-odiosos olhos de safira ou esmeralda, identificado por Diadorim. Aliado a esta idílica e tumultuosa composição, conforme a pesquisa registrara, insere-se à narração a voluptuosa recordação de ‘*trivial momento*’ de encontro de uma outra figura ‘*aquela moça meretriz*’ da Aroeirinha, reconhecida por ‘*lindo nome de Nhorinhá*’, filha da ‘*velha arregalada feitiçeira*’, a Ana Duzuza.

Ocorre que, por intermédio destas alusões hermenêuticas, caberia ressaltar este tríptico amoroso do *Grande sertão*: *veredas*, sobre o qual fora direcionada a Parte I deste estudo acadêmico; e, também como já fora dito, protagonizado pelo herói com reumatismos, esbarraria em múltiplos obstáculos que irrompem pela poética e estúrdia narração em dissonância com constante ebulição marcada pelas reminiscências centradas nas dicotômicas, ímpares e díspares concepções literárias femininas: Otacília/Nhorinhá/Diadorim. Quiçá seja de bom alvitre afirmar que, inserida nestas inúmeras transformações ocasionadas pela me-

morização do fazendeiro-orador em relação ao ímpar destino e condição de sobrevivência de Otacília e Nhorinhá, que se propõem a margear a trajetória de Riobaldo-Tatarana, no âmbito das imagens e reminiscências que, a todo instante, confrontam-se – mas não se antagonizam –, insurge-se a imanente presença física do valente-guerreiro Reinaldo. Contudo, todos estes conflitos psicológicos se originam na prerrogativa incutida por Michel Foucault, quando o filósofo se refere aos elementos oriundos no intrincado e magnífico no percurso humano – sentimento, consciência, instinto, desejo etc. –, que o fazendeiro-orador denominaria como a tal ‘*matéria vertente*’ se esvai, em exacerbada transposição poética sob os moldes da intrincada narração.

Michel Foucault salientaria ainda, em sua *Microfísica do poder*, que buscar uma origem vem a ser tentar reencontrar os elementos que giram em torno de uma imagem exatamente adequada a si, de tal modo que, não obstante, infere-se por acidental todas as peripécias, astúcias e disfarces que puderam ter acontecido, ao se retirarem as máscaras para desvelar enfim uma identidade histórica. Entre outras palavras, Foucault continuaria argumentando que, para se fazer a genealogia dos valores, da moral, do ascetismo e do conhecimento, seria dispensável partir em busca de sua ‘origem’, negligenciando como inacessíveis todos os episódios da história. O autor da *Microfísica do poder* complementaria o seu raciocínio ponderando que necessário se impõe conceder atenções às meticulosidades, aos acasos dos começos e à derrisória maldade, de modo que, retiradas as máscaras, ao vê-los surgir com o rosto do outro, não tendo pudor de buscar onde estão; e, ao escavar os *bas-fonds*, deixar-lhes o tempo de elevar-se do labirinto onde nenhuma verdade as manteve jamais sob sua guarda.

Ainda sob os aspectos dessa intempestiva revelação pausada na tragédia e na sexualidade, de certa forma a narração sucumbiria juntamente com a enigmática figura de um dubio Reinaldo-mulher, morto em heróico e redentor duelo a punhal, ocasionando a desmistificação pela imagem aterrada de sangue-pisado na branda face de Maria Diadorim. Consoante as asseverações de Michel Foucault, em sua *História da Sexualidade*, um dos traços característicos da experiência cristã da carne vem a ser a de que o sujeito seria impulsionado, no âmago de suas experiências, a desconfiar freqüentemente, e a reconhecer de longe, as manifestações e onipotência do sentimento amoroso, que tanto é mais necessário decifrar como é capaz de se emboscar sob outras formas que não a dos atos sexuais. Posteriormente, quando a morte da personagem reergue-se sob forma de mito do Amor para transformar-se lendariamente nas tais nostálgicas estórias orais percorridas por um herói com reumatismos, corroídas de remorsos e questionamentos, quer sobre a origem de sua clandestina paixão por Reinaldo; quer pela inexistência do cujo demônio na rua, no meio redemoinho, a decifração do corpo despido pela Morte e o desejo carnal perpetuam-se no silêncio do jagunço-narrador diante segredo de paixão a ferro de punhal desvendado.

No entanto, ocorre que em tal reencontro entre ambos a caracterização do narrar pormenorizadamente delineado, conciso e fluente, ressaltada por Auerbach na *Odisséia*, de Homero, não resvalaria no enredado discurso deste jagunço-narrador impregnado pela emoção – fato este que explicita e concomitantemente o distancia da mencionada modelação exata calcada no discurso direto. E da inopinada reaproximação, anos depois, com aquele mesmo Menino, agora ‘*moço tão variado e vistoso*’ (Rosa, 1994, p.92), que se tornaria o pertinaz companheiro, Reinaldo, e, sobretudo, inserida na reflexão a respeito de sua eternizada paixão homossexual tecida em fios de neblina e tormento, Diadorim, Ri-

obaldo-Tatarana demonstrando as tais articulações sintáticas dialoga com o tecer e o fiar da epopéia grega no tocante à pormenorização proposta por um espírito calcado nos movediços alicerces da efabulação trágico-poética do *Grande sertão: veredas*.

N'A *Arte Poética*, capítulo IV, intitulado "A origem da poesia e seus diferentes gêneros", Aristóteles discutirá a concepção deste gênero mencionado no título do estudo, ao propor uma reflexão a respeito do caráter moral do discurso, alertando para o fato de que os espíritos mais propensos à gravidade reproduziram as belas ações humanas e seus realizadores, enquanto que os de menor valor voltaram-se para as pessoas ordinárias, a fim de as censurar, da mesma forma que os primeiros compunham hinos em louvor de seus heróis. Em sua *Retórica das Paixões*, de outra feita, explicitaria que a cólera significa o desejo, acompanhado de tristeza, de vingar-se ostensivamente de um manifesto desprezo por algo que diz respeito a determinado ser ou a algum ente próximo; porém, geralmente, se mistura ao ódio daquele indivíduo raivoso um sentimento de prazer e satisfação. E que, por esta razão, as pessoas passam o tempo vingando-se em pensamento. Há coerência, por conseguinte, em se associar à obsessão do moço dos verdes olhos pela vingança, a qualquer preço, pela morte do atraído pai-ídolo, Joca Ramiro, ao subsequente hibridismo de cólera e êxtase, que o jagunço transpira ao atirar-se desbragadamente em bate derradeiro no Tamanduá-tão contra os judas hermógenes, às expensas e prejuízo de sua ambígua e emblemática paixão-existência.

No tocante ao real afastamento de Riobaldo-narrador em relação ao Reinaldo, incorreria apenas no bojo de suas reminiscências que pendem para Nhorinhá, Otacília; e, por vezes, Miosótis, Rosa'uarda e outras secundárias aparições efêmeras, no espaço da narração-memória, de vez que o seu amante-companheiro insere-se a todo instante de corpo e alma diante do chefe-mor pactário, o endemoninhado Urutu-Branco. De fato, aliás, não haveria razão palpável para que o jagunço-orador assinasse com sangue desta Maria Deodorina o tal pacto com o 'Que-Diga' das Veredas Mortas, a não ser pela presença desse acachapante Amor proibido, que o impulsionará a patamares longínquos de seu caráter e espírito, tais como a aceitação homossexual e a asserção demoníaca adversa à sua religiosidade. Embora o que não se poderia perder de vista vem a ser que, por de trás da suposta guerreira-virgem, 'cresce e depois brota' de uma paixão clandestina, que não só aniquila e põe em risco a insuspeita masculinidade do rústico fazendeiro-narrador, como também o absorve em divagações no âmbito da proposição imaginária de uma versão feminina pelo viés de um parentesco de Reinaldo ou incursão sob as cores do arco-íris. E isto a fim de que se amenizasse a aflição agônica de Riobaldo, que lhe fora imposta por um sentimento alicerçado nos traíçoeiros e movediços territórios mitológicos, por intermédio do ardil e do mistério, que permeia a invenção de sexualidade concebida por uma mulher, Maria Diadorim, que possivelmente, por vontade própria, não escorregaria o espírito astucioso nas armadilhas da paixão.

Ainda neste registro textual, Aristóteles asseveraria que as paixões mais tarde serão chamadas de formas de consciência de si; e perante aqueles seres amados, que compartilharão os desejos dos seus respectivos amantes, não se envergonharão dos atos contrários à opinião comum. No capítulo nomeado "Da vergonha e da impudência", o filósofo grego explicitaria que este sentimento primeiro causaria certa tristeza ou perturbação com respeito aos vícios presentes, passados ou futuros, que impulsionam à desonra, como ter relações sexuais com quem não convém ou em lugar ou momentos inconvenientes, ações esta

que brotam da intemperança.

Enfim, a Mulher, o Menino e a Morte equiparam-se no âmbito do segredo e da revelação daquele dócil e arredio jagunço dos olhos verdes Reinaldo em Maria Deodorina, impelindo, à força de sua sobriedade, a desmistificação homossexual, que assombrava o sobressaltado e incauto Riobaldo-orador. De outra feita, ainda quando a figura emblemática, andrógina e hermafrodita de Reinaldo/Diadorim, a todo instante e ínterim, passe a acenar com um possível desvendar do segredo de sua enigmática sexualidade encoberta pela tesoura de prata, ou mesmo pela inóspita seriedade e brabeza e por um corte de fazenda ou colete de pano, vem a ser por um outro homem a paixão do sertanejo inculto e sexualmente voraz no decurso de suas investidas pelo inóspito sertão das Gerais.

Em sua *Retórica das paixões*, Aristóteles alertaria para a questão referente às paixões, que englobam todos aqueles esparsos sentimentos que, causando mudança nas pessoas, fazem variar seus julgamentos seguidos de tristeza, prazer, cólera, piedade, temor; todavia, aquele que ama tem por certo que a pessoa sob julgamento ou não pratica ato injusto ou comete delitos de pouca importância. Por um outro lado, quanto às leis do coração, Hegel, na *Fenomenologia do espírito*, assevera que o movimento precedente ante a uma nova figura se manifesta como algo *encontrado*, se bem que o ser amado não possua consciência de sua origem, restando saber se a efetivação de tal paixão corresponderia à experiência como sendo sua essência. No tocante às asseverações dos filósofos, que desaguiariam no nebuloso relacionamento amoroso de Reinaldo e Riobaldo, poder-se-ia mencionar que tanto Aristóteles quanto Hegel municiariam os pressupostos fundamentais, que demarcam a tese que sustenta a suspeita desse tal Amor inventado, que resultaria em Maria Diadorim.

Consoante as constatações de Jean-Paul Sartre, cada amante se caracteriza por absolutamente prisioneiro do outro, na medida em que se pretende se fazer amar, excluindo terceiros; no entanto, ambos ao mesmo tempo cobram reciprocamente um amor que não se reduza de modo algum ao 'projeto-de-ser-amado'. A tal alienação libertário-amorosa sartreana esbarra em Riobaldo quando este aniquila o seu projeto – que aliás não vem a ser esboçado em hipótese alguma em sua estúrdia oração –, em prol de seguir com o bando de jagunços capitaneado por Medeiros Vaz, Zé Bebelô, e posteriormente por si próprio. Por conseguinte, o herói-pactário Riobaldo Urutu-Branco, aprisionado pela exigência de proibida paixão por Diadorim, em busca dos judas guiados por Hermógenes e Ricardão, na intenção de vingança pelo assassinio de Joca Ramiro, alienaria a sua liberdade a ponto de até mesmo tornar-se, qual o inimigo assassino, também um jagunço com parte com o 'Cujo', no já mencionado episódio das Veredas Mortas. Enfim, o sertanejo-orador, no ideal da aventura de seu amor homossexual, assina a sentença de seu aprisionamento, numa espécie de conflituoso cárcere do 'querer ser amado', apontado por Sartre, ao assenhorear-se de um sentimento ambíguo nutrido por Reinaldo/Diadorim, que o impele inconscientemente ao enigmático pacto satânico-amoroso.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo, Editora Perspectiva, 2002.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da Modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.
- BOLLE, Willi. *Grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2004.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Co-direção Eduardo Coutinho. Era Modernista. Vol.V: São Paulo, Editora Global, 2001.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução: Peter Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1998.
- ECO, Umberto. *A estrutura ausente – introdução à pesquisa semiológica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.
- FANTINI, Marli. *Guimarães Rosa. Fronteiras, Margens, Passagens*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005.
- . *História da sexualidade – o uso dos prazeres*. São Paulo: Editora Graal, 2003.
- FREUD, Sigmund. *Contribuições à psicologia do amor*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- HANSEN, João Adolfo. *A ficção da literatura em Grande Sertão: Verdades*. São Paulo: Hedra, 2000.
- HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Parte I e II. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- KANT, Emmanuel. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*. São Paulo: Papirus, 1993.
- MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização – uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios*. Livro I. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zarathustra*. Editora Hemus, Paraná, 2002.
- . *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NUNES, Benedito. *O amor na obra de Guimarães Rosa*. In: *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, 7 (26): 39-62, set. 1964.
- . *Guimarães Rosa*. In: COUTINHO, Afrânio, ed. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Editorial Sul-Americana, 1970, v. 5. P. 402-49.
- PLATÃO. *O banquete – apologia de Sócrates*. Pará: Editora Universitária, 2001.
- . *Fedro*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.
- ROSA, Guimarães. *Ficção Completa*, vol. I e II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- SHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VALÉRY, Paul. *Discurso sobre a estética*. In: LIMA, Luiz Costa. (Org.) *Teoria da Literatura em suas fontes*. Vol.I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- WATT, Ian. *Mitos do individualismo moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe*; tradução, Mario Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.